



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 28 DE OUTUBRO, DE 2024 - 21H00

Sessão 21 “BLADE RUNNER: PERIGO EMINENTE” (1982)



“Blade Runner”, de Ridley Scott, é uma obra-prima e digo-o com plena convicção. Não uma obra-prima do cinema de ficção científica, mas uma obra-prima tout court, apenas do cinema. Raras vezes um filme se impõe tão rapidamente e de forma tão sustentada ao longo de toda a sua projecção, com um ambiente e uma densidade tão forte, tão intensa, tão “real” apesar de se tratar de uma projecção de futuro. Diga-se que esse é mesmo o aspecto que, para mim, torna “Blade Runner” tão fascinante. A direcção de arte, assinada por Lawrence G. Paull, David Snyder e Linda DeScenna, é fabulosa, e os efeitos especiais visuais,

da responsabilidade de Douglas Trumbull, Richard Yuricich e David Dryer, são igualmente brilhantes, sem se imporem com malabarismos inúteis. O que vemos é o estritamente indispensável, nada para encher o olho ao espectador. Mas falando ainda do chamado campo técnico, a fotografia de Jordan Cronenweth é excelente, o tratamento sonoro magnífico e a partitura musical de Vangelis acompanha com inspiração o desenrolar da acção.

Chamar a primeiro plano estas características ditas técnicas, não é uma forma de amarrar o filme a estas coordenadas, mas, muito pelo contrário, mostrar como elas se podem colocar harmoniosamente ao serviço de uma ideia central. Na verdade, o centro criador de “Blade Runner” é obviamente Ridley Scott, que comanda com invulgar perícia todos os elementos postos à sua disposição para conceber uma obra de uma coerência total.

O argumento de “Blade Runner” é o princípio fundador da obra. Escrito por Hampton Fancher e David Peoples, baseia-se no romance “Do Androids Dream of Electric Sheep?”, de Philip K. Dick, o que é, desde logo, uma boa referência.

O filme tem por cenário Los Angeles, em 2019, e mostra-nos uma metrópole futurista, é certo, a lembrar em muito o “Metrópolis”, de Fritz Lang, mas ameaçadoramente à beira de uma catástrofe, de uma tragédia que as imagens vão sugerindo. Um ambiente denso e pesado, que os néons não conseguem disfarçar, uma chuva intensa e persistente, multidões que se acotovelam nas avenidas, alheias a tudo o que se passa à sua volta, quer sejam

carros de polícia com as sirenes ligadas, quer sejam cenas de tiros e cadáveres a juncarem o pavimento. O ar parece irrespirável, a poluição é evidente e dir-se-ia que Ridley Scott e a sua equipa foram capazes de antever, esperemos que com algum exagero, a América de Trump e da sua recusa em aceitar as alterações climáticas. Em 2019 veremos.

Nesta cidade, que não é mais do que o cenário ideal para um neo-filme negro, surge o ex-polícia Rick Deckard (Harrison Ford), que é intimado pelo seu antigo chefe, Bryant (M. Emmet Walsh), a desempenhar uma nova missão. Deckard foi, no passado, um “caçador de replicantes”, homens robots, com a duração limite de quatro anos de vida, que, quando se revoltavam ou amotinavam, eram “aposentados”, belo eufemismo para designar a sua eliminação).

Os replicantes são criados por uma companhia, a Corporação Tyrell, que, entre outros, lança no mercado os Nexus-6, que são utilizados sobretudo em trabalhos noutros planetas entretanto colonizados pelos humanos. Mas alguns replicantes regressam a terra, e procuram inverter o curso das suas curtas existências. Rick Deckard é contratado para eliminar essa célula de rebeldes, o que vai assumir com plena firmeza. O grupo é constituído por Roy Batty (Rutger Hauer), Leon Kowalski (Brion James), Zhora (Joanna Cassidy) e Pris (Daryl Hannah). O filme negro futurista com todos os ingredientes, desde o polícia desiludido, o ambiente pantanoso, cívico e moralmente conturbado, o clima de tragédia latente, as imagens inquietantes, as “femmes fatales” habituais, aqui replicantes ou não.

Mas neste universo de humanos e replicantes nada é simples e nunca se sabe muito bem quem é quem e ao serviço de quem. Uma dúvida persiste: será Rick Deckard ele mesmo um replicante?

“Blade Runner” não é apenas um magnífico filme de ficção científica, mas muito mais do que isso, uma meditação dorida e quase desesperado sobre o futuro do homem na terra, e sobre alguns dos grandes problemas que o futuro e as descobertas tecnológicas nos reservam. A possibilidade de replicantes animais é já uma realidade, que o filme confirma, a existência de replicantes humanos num futuro muito próximo é uma hipótese com grande plausibilidade.

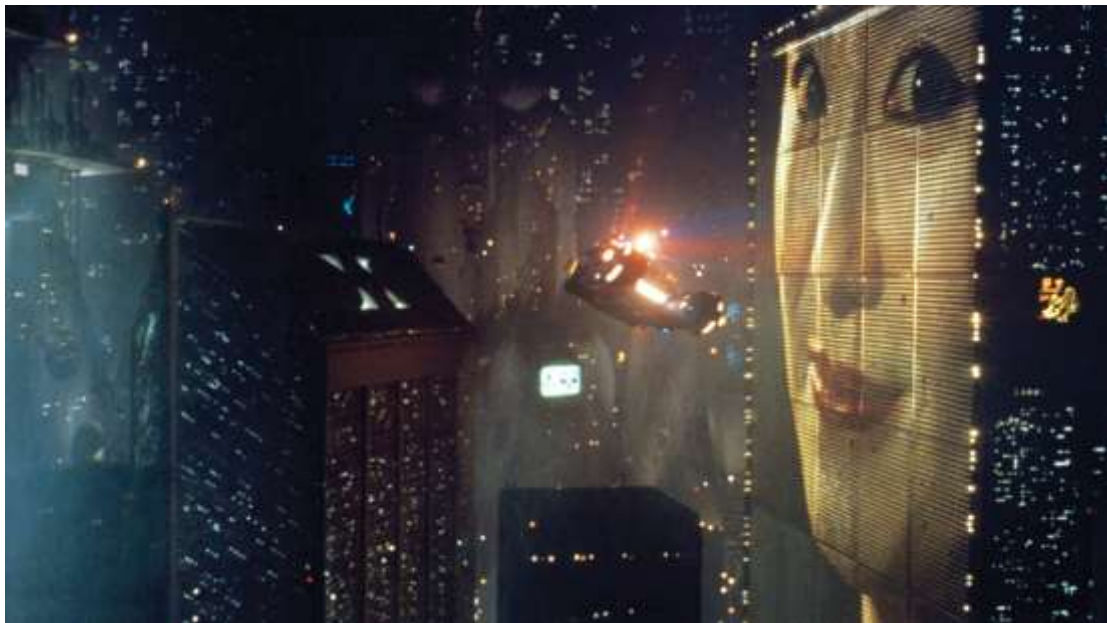
Por tudo isso “Blade Runner” é um desafio brilhante não só à nossa imaginação quanto ao futuro, mas à nossa avaliação da realidade do presente.

Desde a sua estreia, em 1982, o filme foi conhecendo diversas versões. A primeira terá sido a mais curta, cortada pelos produtores, e a menos fiel às ideias do realizador. Depois seguiram-se várias outras até que, em 2007, a Warner Bros. lançou a versão final, comemorativa dos 25 anos, totalmente remasterizada, sendo lançada em salas de cinema e, posteriormente, em cinemas selecionados e igualmente em DVD, e Blu-ray.

Entretanto, em 2017, surgiu “Blade Runner 2049”, uma realização de Denis Villeneuve, com argumento de Hampton Fancher, Michael Green, ainda segundo personagens idealizados por Philip K. Dick, e desta feita com um elenco composto por Ryan Gosling, Dave Bautista, Robin Wright, Mark Arnold, Ana de Armas, entre outros, nos quais se inclui Harrison Ford num pequeno papel que faz a ligação entre os dois títulos. Excelente sequela, o que não costuma ser habitual.

Lauro António





BLADE RUNNER: PERIGO IMINENTE

Título original: Blade Runner

Realização: Ridley Scott (EUA, 1982); Argumento: Hampton Fancher, David Webb Peoples, segundo romance de Philip K. Dick (Do Androids Dream of Electric Sheep?); Produção: Charles de Lauzirika, Michael Deeley, Hampton Fancher, Brian Kelly, Ivor Powell, Paul Prischman, Jerry Perenchio, Ridley Scott, Run Run Shaw, Bud Yorkin; Música: Vangelis; Fotografia (cor): Jordan Cronenweth; Montagem: Marsha Nakashima, Terry Rawlings, Jane Feinberg, Mike Fenton, Marci Liroff; Design de produção: Lawrence G. Paull, David L. Snyder; Decoração: Linda DeScenna, Leslie McCarthy-Frankenheimer, Thomas L. Roysden, Peg Cummings; Guarda-roupa: Michael Kaplan, Charles Knode; Maquilhagem: Michael Mills, Shirley Padgett, Marvin G. Westmore, John Chambers, Bridget O'Neill; Direção de Produção: Alan Collis, C.O. Erickson, John W. Rogers; Assistentes de realização: Newt Arnold, Morris Chapnick, Peter Cornberg, Donald Hauer, Victoria E. Rhodes, Richard Peter Schroer; Departamento de arte: Jerry Allen, William Biggerstaff, Jeff Clark, Mentor Huebne, Crit Killen, Sherman Labby, Terry E. Lewis, Basil Lombardo, Dave Margolin, Syd Mead, James F. Orendorff, Tom Southwell, James T. Woods; Som: Bud Alper, Gene Ashbrook, Beau Baker, Graham V. Hartstone, Mike Hopkins, Gerry Humphreys, Peter Pennell, John Vincent, Matt Vowles; Efeitos visuais: Douglas Trumbull, Richard Yuricich, David Dryer; Efeitos especiais: David Dryer, Ian Hunter, etc. Com: Harrison Ford (Rick Deckard), Rutger Hauer (Roy Batty), Sean

Young (Rachael), Edward James Olmo (Gaff), M. Emmet Walsh (Bryant), Daryl Hannah (Pris), William Sanderson (J.F. Sebastian), Brion James (Leon Kowalski), Joe Turkel (Dr. Eldon Tyrell), Joanna Cassidy (Zhora), James Hong (Hannibal Chew), Morgan Paull (Holden), Kevin Thompson, John Edward Allen, Hy Pyke, Kimiko Hiroshige, Bob Okazaki, Carolyn DeMirjian, Ben Astar, Judith Burnett, etc. Companhias de produção: The Ladd Company, The Shaw Brothers, Warner Bros., Blade Runner Partnership (Jerry Perenchio and Bud Yorkin present);

Duração: 117 minutos; 110 minutos, versão reduzida; Distribuição em Portugal: Warner Filmes; Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 25 de Fevereiro de 1983 (Fantasporto Film Festival); Estreia de "director's cut": Fevereiro de 1993 (Fantasporto Film Festival).

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 4 DE NOVEMBRO DE 2024

MASTERCLASS Cinema Americano Anos 80 21H00 (entrada livre)

"ET: O Extraterrestre" de Steven Spielberg / 1982